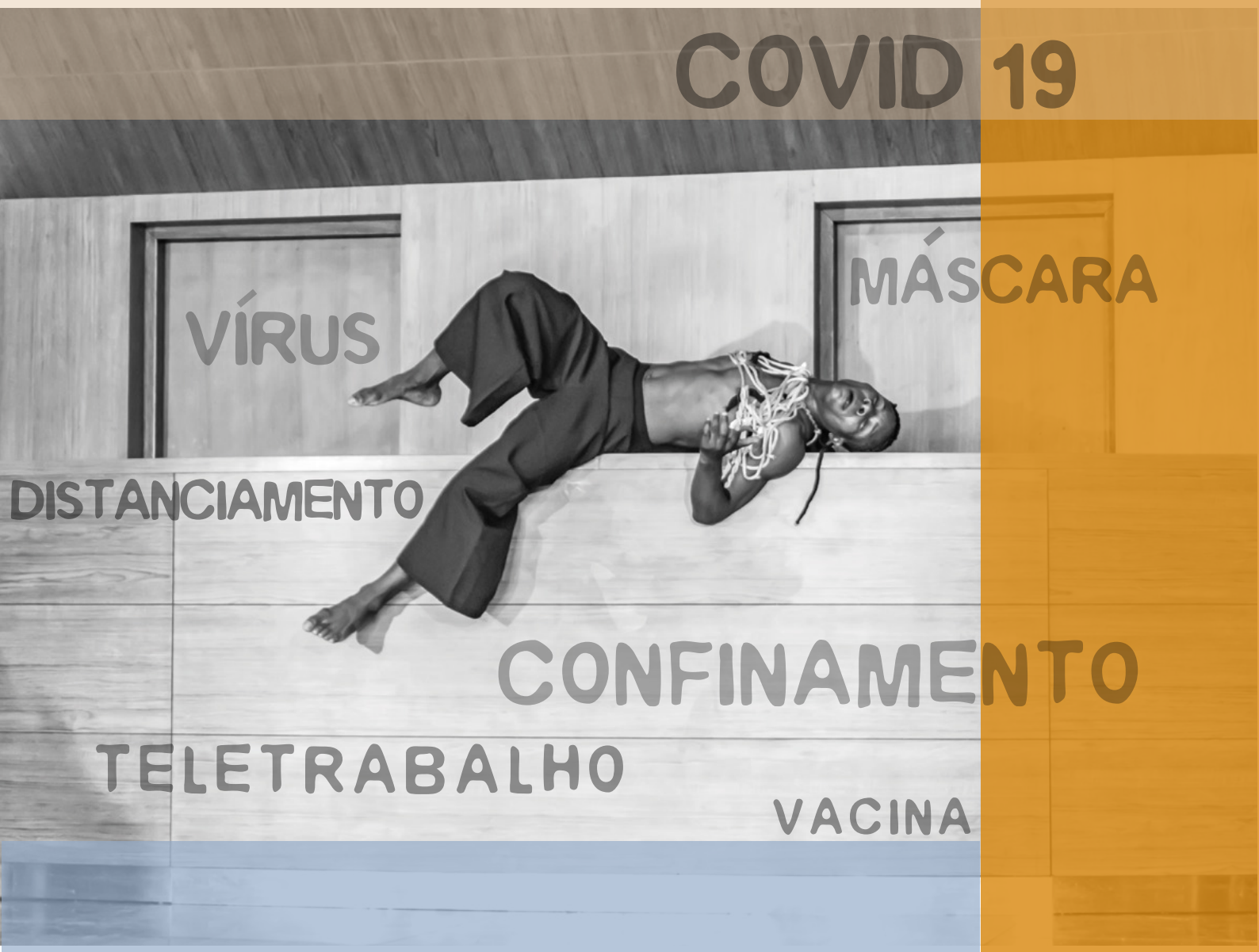
COMPANHIA DE DANÇA CONTEMPORÂNEA DE ANGOLA



BOLETIM INFORMATIVO

JANEIRO / DEZEMBRO | 2020

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Nº 13

EDITORIAL

O ano de 2020 revelou-se um enorme desafio à capacidade de reinvenção das profissões artísticas, particularmente da dança, visto que a nossa actividade é essencialmente presencial. Sendo o corpo o principal veículo de comunicação e a interacção entre diversos corpos a essência da dança, é fácil depreender o quão penoso é rendermo-nos à impossibilidade de nos encontrarmos para as aulas e ensaios diários e para a participação em espectáculos.

Conformados com a situação mundial gerada pela pandemia da COVID-19, deitámos mão ao trabalho encontrando-nos, diariamente, no mundo virtual. Todos os bailarinos de todas as companhias em todo o mundo continuaram fazendo os seus treinos diários, disponibilizando aulas online, acção que foi fundamental para a CDC Angola, apesar dos problemas relacionados com a internet que ainda são relevantes.

Este tempo de confinamento obrigatório levantou diversas questões relacionadas não apenas com o problema da solidão, mas também com a própria condição humana e artística...

É ou não possível exercer-se a profissão de bailarino sem se estar presente num estúdio ou sala de ensaios? A dança pode substituir o mundo real pelo mundo virtual? De um momento para o outro, diversos coreógrafos mostraram que era possível dirigir um exército de bailarinos, cada um no seu espaço privado, e apresentar um trabalho final que poderia ser descarregado da internet e fruído em suporte digital. Com uma iluminação possível a partir das condições domésticas de cada um, com um figurino improvisado e negociado entre as roupas existentes e a ideia do coreógrafo, com uma música gravada, são várias as propostas apresentadas nas redes sociais. Todavia foi sempre notório, entre os bailarinos e coreógrafos, o sentimento generalizado de perda gerado pela falta do contacto físico e de todos os "rituais" que envolvem o trabalho colectivo da dança.

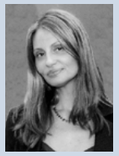
Assim, esperando um rápido regresso à normalidade, a CDC Angola junta-se às vozes de todos os profissionais do mundo, que sonham em voltar ao trabalho (ainda que com máscaras) para provar que a dança ainda é uma actividade humana que não prescinde da presença de todos.

Também a nós nos alenta a promessa de que "tudo irá ficar bem"!

A CDC Angola é membro do Concelho Internacional de Dança da UNESCO

COMPANHIA DE DANÇA CONTEMPORÂNEA DE ANGOLA

Directora Artística



Ana Clara Guerra Marques

Ensaiador

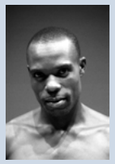


Nuno Guimarães

Bailarinos



André Batista



António Sande



Armando Mavo



Benjamin Curti



Daniel Curti



Samuel Curti

Produtor Executivo



Jorge António

Imagem e Divulgação



Rui Tavares

Propriedade - Companhia de Dança Contemporânea de Angola
Direcção - Ana Clara Guerra Marques
Coordenação - Jorge António
Fotografia / Grafismo - Rui Tavares
Telefone - (+244) 926091954
Email - cdcangola.geral@gmail.com
Impressão - Tipografia Corimba
Tiragem - 1000 ex.

COMPANHIA DE DANÇA CONTEMPORÂNEA DE ANGOLA



Ana Clara Guerra Marques no Festival FIDO

A Directora Artística da Companhia de Dança Contemporânea de Angola representou Angola na 8ª edição do FIDO – Festival Internacional de Dança de Ouagadougou, que se realizou no Burkina Faso entre os dias 25 de Janeiro e 1 de Fevereiro, na qualidade de madrinha da edição de 2020, juntamente com o bailarino e coreógrafo da Côte d'Ivoire Georges Momboye, que foi o padrinho.

O convite foi-lhe endereçado pela coreógrafa Irène Tassembédo (directora do festival), motivada pela importância do trabalho desta coreógrafa angolana, desenvolvido ao longo de várias décadas, quer enquanto bailarina e coreógrafa, quer enquanto professora e investigadora.

Ana Clara Guerra Marques manteve encontros com a nova geração de bailarinos africanos presentes em Ouagadougou, com os quais partilhou informação sobre a sua carreira e sobre o trabalho inovador desenvolvido e mantido pela Companhia de Dança Contemporânea de Angola, no sentido da abertura de novos caminhos para a dança em Angola e em África.



Este prestigiado Festival é uma plataforma que contribui actualmente para transformar o olhar sobre a dança no continente africano. Reunindo bailarinos e coreógrafos de todo o Mundo, tem como objectivo a aproximação entre as diversas linguagens e opções estéticas, utilizando a partilha e o contacto entre as diferentes realidades artísticas e sociais como um dos mais importantes motores do desenvolvimento artístico.



FIDO

Discurso de encerramento

Boa noite e obrigada a todos por terem vindo a este espaço fantástico que é o Instituto Francês de Ouagadougou. Gostaria, antes de mais, de agradecer à Irene Tassembédo, a possibilidade que me deu de estar aqui, esta noite, por me ter dado a honra de ser a madrinha da 8ª edição do FIDO – Festival Internacional de Dança de Ouagadougou e por ser a mulher forte, lutadora e inspiradora que ela é. Muito obrigada Irene, pois este festival não é mais que a concretização da vontade de alguém que acredita nos seus sonhos e que tem a particularidade de os conseguir realizar.

Juntando coreógrafos e bailarinos do mundo, o FIDO é uma plataforma que patrocina uma aproximação a diferentes linguagens, a diferentes formas de pensar a dança e a distintas opções estéticas, já que a partilha e o contacto com as diversas realidades são um dos mais importantes motores do desenvolvimento artístico.

Até há bem pouco tempo, a dança contemporânea na maior parte dos países do continente africano, vivia num cenário de marginalização e ausência de horizontes por ser incompatível com um contexto conservador, onde a exclusividade identitária apenas reconhecia as heranças patrimoniais ancestrais.

Ora, esta falta de um conhecimento aberto ao mundo, à qual se acrescentava a inexistência da criação de autor, ao nível da dança, é diametralmente oposta à urgência, à irreverência artística e às aspirações de progresso. A ideia nunca foi substituir a dança tradicional pela dança contemporânea. A ideia é, e foi sempre, acrescentar outras formas de expressão, outras formas de fazer a dança acompanhando os tempos de mudança. Apesar do olhar para as artes em geral e para a dança em particular estar, ainda, maioritariamente, contagiado pela perspectiva redutora de recreação e de consumo fácil, existem hoje alterações importantes a registar. E é aqui que relembramos a acção de um grupo de coreógrafos e bailarinos africanos que, dentro e fora de África, lutaram e ainda lutam pelo surgimento e abertura dos nossos países a uma forma de dança que desenvolva o pensamento crítico e que dê aos artistas e ao público a possibilidade de se compreenderem enquanto seres humanos, numa época onde os desafios e as transformações são cada vez mais rápidos e urgentes.

Enquanto no mundo se elevam novos e perigosos muros, a dança constrói uma teia gigante que privilegia o diálogo e celebra a diferença enquanto elemento essencial da sua motivação.

Na dança criamos personagens mas não fazemos imitações; inspiramo-nos em pessoas reais, com problemas reais. Metemo-nos na pele de alguém como eu e tu. Pessoas que vivem em realidades com as quais nos identificamos. Na dança mostramos uns aos outros o que cada um de nós tem como património pessoal e fazêmo-lo com o som da voz do nosso corpo. Por isso é importante investir na circulação em África, continente que em dada altura da sua história, viu os seus povos serem separados por fronteiras artificiais. Temos muito que aprender uns com os outros e temos o direito a enriquecer essa partilha com outras culturas e movimentos artísticos de outros continentes.

Quantas vezes, em reuniões sociais, quando se está a falar em profissões e trabalho tivemos diálogos como este:

«E tu, em que trabalhas? Eu sou artista! Hum?? Músico? Não, de dança; sou bailarino! Sim, sim, mas para além disso, o que fazes na vida?»

Sim, nós os bailarinos, os coreógrafos somos vítimas dessa estigmatização. Somos frequentemente vistos como os parasitas da sociedade pois para realizarmos os nossos projectos somos obrigados à condição humilhante de pedir dinheiro. Somos aqueles mendigos à espera de uma migalha daqueles que, depois, frequentam os nossos espectáculos pois não podem viver sem nós.

É, pois, imperativo que nós, os artistas de dança trabalhemos em conjunto para que os governos e as instituições compreendam que, em vez de nos explorarem e de manterem a nossa dignidade cativa, devem trabalhar connosco pois nós somos os seus melhores colaboradores. Não se deve temer o novo!

As artes contribuem para o desenvolvimento e para o progresso. E não é romântico pensar que a dança é um agente de integração e de transformação social.

É preciso que África, coloque o foco no diálogo entre pessoas cuja voz é validada por corpos inteligentes que pensam, exprimem e reinventam o seu lugar no espaço comum da dança universal e da liberdade criativa. Os profissionais da dança merecem ultrapassar, em nossa casa, a condição de sobrevivência, fazendo da coragem, da qualidade artística, do rigor e da consistência intelectual da criação coreográfica, o seu cavalo de batalha!

Bem hajam!

Ana Clara Guerra Marques | Luanda / Ouagadougou | Janeiro | 2020







Castings BAI Dança com Ritmo

Convidada para integrar o júri do concurso televisivo BAI Dança com Ritmo, a directora artística da CDC Angola integrou a equipa da ZAP nas suas deslocações a Malange, Uíge, Huambo e Benguela, para participar nos castings que foram realizados nessas províncias do país.

No dia 14 de Março de 2020 teve lugar a primeira das 12 galas previstas para o concurso BAI Dança com Ritmo, as quais tiveram de ser interrompidas dadas as restrições impostas pela pandemia da COVID-19.

Irène Tassembédo em Luanda
Nova Coreografia



Entre os dias 17 de Fevereiro e 1 de Março de 2020 esteve em Luanda, para uma residência artística, a coreógrafa Irène Tassembédo do Burkina Faso. Esta primeira estadia teve como objectivo o início dos trabalhos de criação da peça "Isto é uma Mulher?" em co-autoria com Ana Clara Guerra Marques. Durante a sua permanência, a coreógrafa partilhou a sua técnica de dança afro-contemporânea através de um módulo de aulas que contribuíram para o desenvolvimento técnico dos nossos bailarinos.
A coreógrafa fez-se acompanhar pelo seu assistente, o bailarino Évariste Tassembédo.



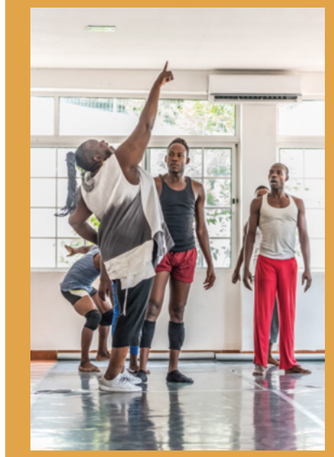


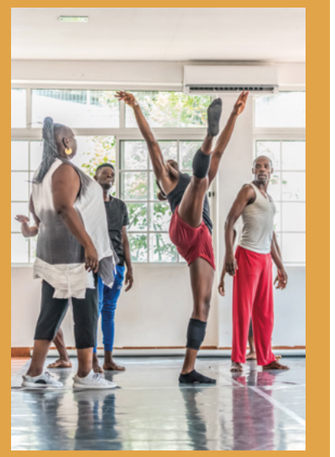












Irène Tassembédo

Ex-aluna da Escola Mudra-Afrique de Maurice Béjart em Dakar, Irène Tassembédo é uma das maiores figuras da Dança na África contemporânea, desenvolvendo um trabalho coreográfico original, combinando a dança contemporânea e dança africana, reinventando novas linguagens. Para além da dança, Iréne Tassembedo, desenvolve também actividade, como actriz no teatro, cinema e televisão. Com décadas de uma carreira bem-sucedida, e de volta ao seu país de origem, Burkina Faso, esta coreógrafa continua a partilhar a sua experiência profissional com bailarinos, coreógrafos e outros artistas do continente africano, através da CIT – Compagnie Irène Tassembédo, e da EDIT – Escola Internacional de Dança. Em janeiro de 2013, Irène Tassembédo lançou o FIDO – Festival Internacional de Dança de Ouagadougou, aberto a todas as formas de expressão coreográfica e que se estabeleceu como um ponto importante de encontro internacional para a dança na África, aberto em particular às diásporas africanas em todo o mundo.

Pandemia COVID
Bailarinos em Casa

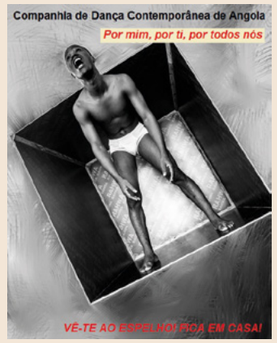
Como está a acontecer no mundo inteiro, todos os profissionais das artes estão obrigados a permanecer em casa e a realizar teletrabalho.
Para os bailarinos professores de dança e coreógrafos cujo exercício profissional obriga à presença física, está a ser um desafio cheio de contratempos mas ao qual nos estamos a ajustar.
Assim, os bailarinos da CDC Angola estão a ser acompanhados com aulas que lhes são enviadas, tendo estes de devolver os exercícios executados, os quais são alvo de correcções que lhes são reenviadas.



Para que o trabalho artístico continue presente, a CDC Angola fez aos seus bailarinos o desafio de criarem pequenas coreografias com as práticas de prevenção aconselhadas (lavagem de mãos, uso de máscara facial, permanecer em casa), as quais foram publicadas no Facebook da CDC Angola.







Por outro lado, a companhia realizou uma campanha de prevenção contra a COVID-19, com fotografias de Rui Tavares, a qual foi, igualmente, divulgada nas redes sociais.
A aprendizagem de excertos de peças disponibilizadas online por outras companhias, para o efeito, foi outro dos desafios colocados aos nossos bailarinos.
A interacção da CDC Angola com a comunidade da Internet foi animada com um desafio no qual era proposta, aos visitantes e seguidores, a reprodução das posições presentes em fotos de espectáculos da companhia.













Cerimónia da Academia de Letras

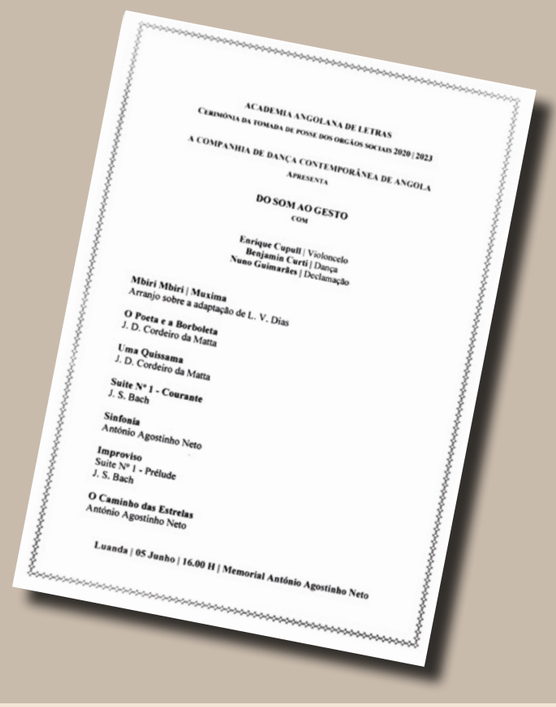
Para assinalar a tomada de posse dos seus órgãos sociais para o triénio 2020 | 2023, a Academia Angolana de Letras organizou uma cerimónia no dia 05 de Junho no MAAN - Memorial António Agostinho Neto, para a qual foi convidada a Companhia de Dança Contemporânea de Angola.

No momento cultural criado para o efeito e intitulado "Do som ao Gesto", uniu-se a literatura à música e à dança através da participação de Enrique Cupull (violoncelo), Benjamin Curti (dança) e Nuno Guimarães (declamação).















Artigos | Entrevistas


CARTAZ
seu suplemento diário de lazer e cultura
Jorge Antonio
"É impossível prever quando estará normalizado o mundo"



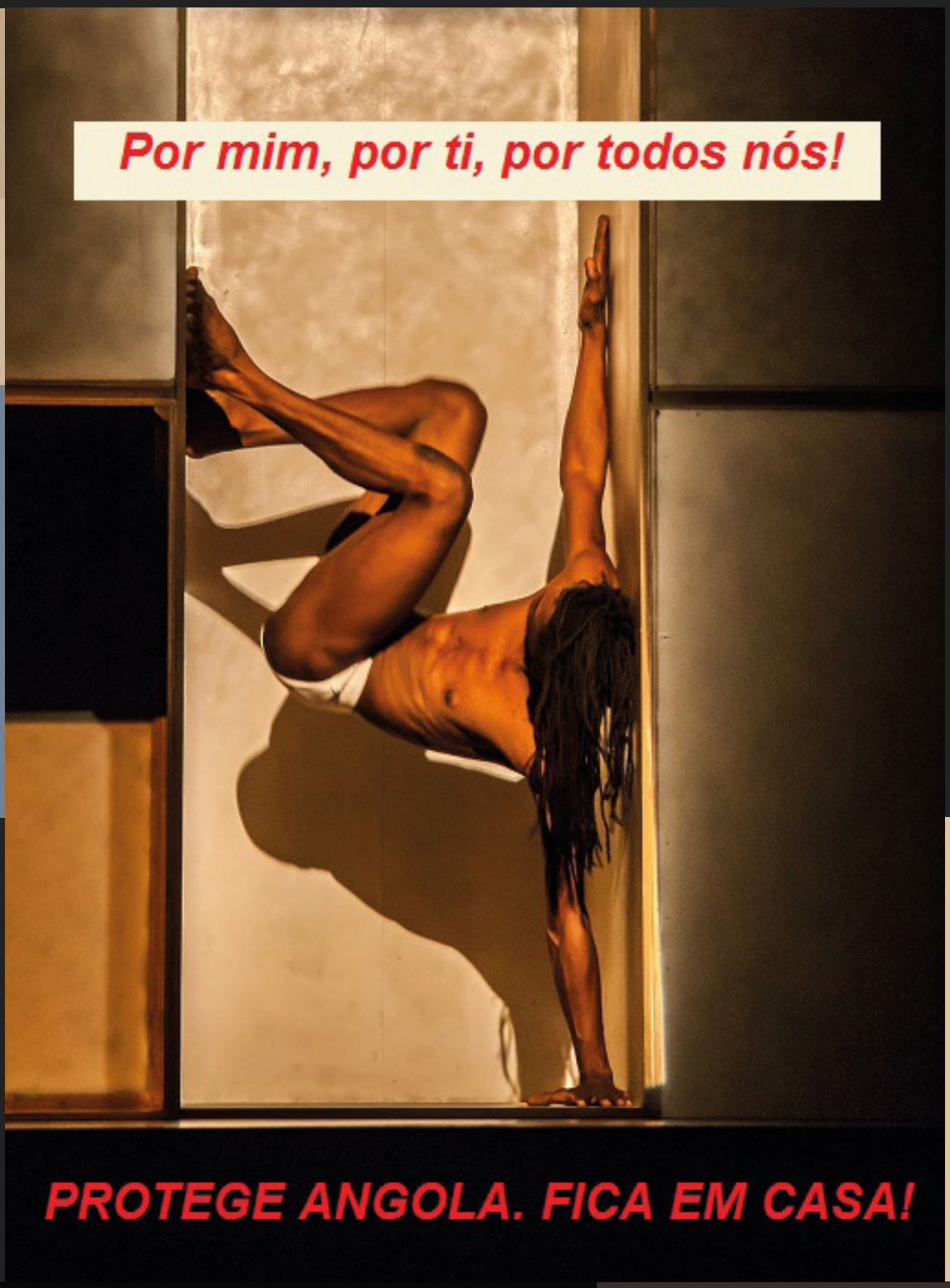

"Peço aos artistas que reflictam como sobreviver sem o Ministério da Cultura"


Jornal de Angola
Estado apoia empresas com 148 mil milhões de kwanzas
Polícia vai punir violações à quarentena
PR felicita togoleses
Huíla e Huambo voltam a estar ligadas por estrada
Sobreviver sem ajuda da Cultura

A CDC Angola tem o apoio do Banco

BAI

Companhia de Dança Contemporânea de Angola



CDC ANGOLA